

DARWINISMO LITERÁRIO • Continuação da página 1

# A natureza e a cultura em Darwin

Para filósofo da mente, é possível estudar a civilização a partir de uma perspectiva biológica

ENTREVISTA

Daniel Dennett

• Filósofo formado em Harvard e Oxford, Daniel Dennett procura em seus trabalhos elaborar uma teoria da mente que seja fundamentada pela pesquisa empírica a respeito do funcionamento do cérebro. Dennett, cujo livro sobre religiões, "Quebrando o encanto" (Globo), está sendo lançado no Brasil, é influenciado pelo adaptacionismo darwinista. Por e-mail, ele falou ao GLOBO sobre a importância de Darwin para as ciências humanas.

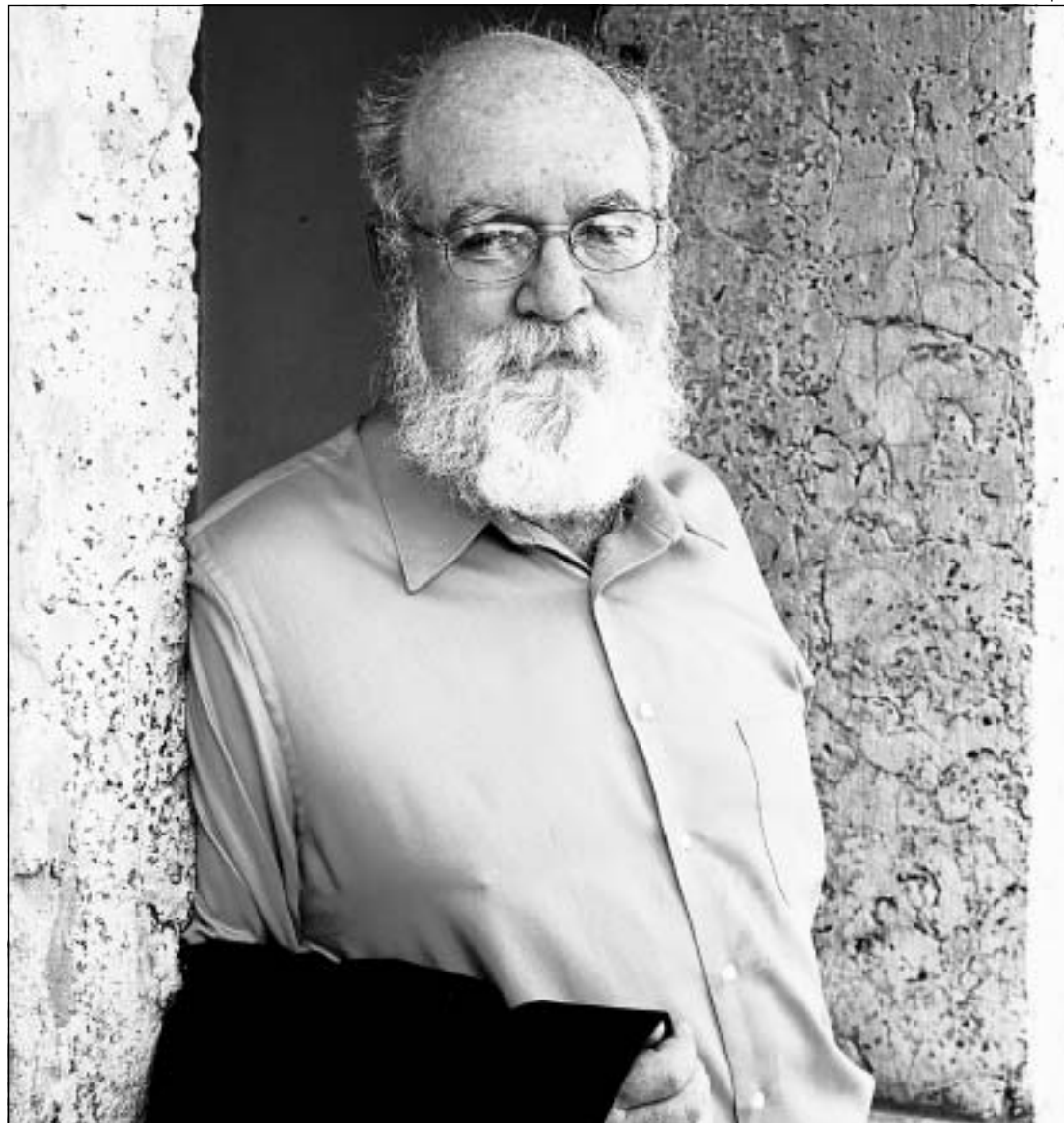
Miguel Conde

**O GLOBO:** O senhor disse certa vez que Darwin acabou com a separação entre as ciências naturais e as sociais. Por quê?

**DANIEL DENNETT:** As ciências sociais e as humanidades tratam de propósitos e sentido — teleologia e intencionalidade — e as ciências naturais tratam de fenômenos que não exibem nem propósito nem sentido — as coisas simplesmente acontecem. Darwin mostra como o mundo natural criou o mundo de propósitos e sentido, unificando, dessa maneira todos os fenômenos numa perspectiva única.

• As primeiras tentativas de se aplicar o darwinismo ao pensamento social foram muito rudimentares, não? Como essas tentativas evoluíram ao longo do tempo?

**DENNETT:** Sim, parece ser inevitável que as pessoas sempre testem primeiro as versões mais simples de uma boa idéia. Depois, elas reconhecem que as coisas são mais complexas. B. F. Skinner, por exemplo, disse muito claramente que o aprendizado em qualquer organismo tinha que ser realizado por um processo que era uma versão acelerada da seleção natural, ocorrendo dentro do organismo individual, uma questão de se reorganizar o próprio sistema nervoso por meio de um processo de tentativa e erro. O que ele não percebeu é que não há um processo desse tipo, mas muitos: desenvolvimento, assim como o aprendizado, e dentro do processo de aprendizado toda uma seqüência de processos cada vez mais sofisticados. Mas todos envolvem o processo fundamental de gerar-e-testar, que é o algoritmo básico da evolução.



Cannarsa Basso/Grazia Neri/Brainpix

DANIEL DENNETT: filósofo acredita que o pensamento deve ser estudado a partir de suas bases físicas

• Quais o senhor diria que são as principais descobertas feitas até hoje por pessoas que tentam aproximar os dois campos?

**DENNETT:** William Hamilton e Robert Trivers iniciaram excelentes explorações da evolução da cooperação e do altruísmo, e Richard Dawkins, com seu conceito de meme, mostrou como a própria cultura poderia ter uma história não genética, mas ainda assim evolutiva, um melhoramento notável em relação às tentativas de E. O. Wilson e Lumsden de cobrir a mesma distância entre cultura e genes. Agora existem diversos modelos de evolução cultural que estão sendo examinados.

• Parece haver mais neurologistas se aventurando no campo das ciências humanas do que cientistas sociais utilizando pesquisas neurológicas em seu trabalho. O senhor concorda?

**DENNETT:** Não estou certo quanto aos números, mas talvez você tenha razão. As pessoas na neurociência cogniti-

va e campos relacionados estão chegando ao ponto onde podem formular, de forma útil, questões de pesquisa que influem em fenômenos sociais, e estão se preparando para a tarefa estudando trabalhos de ciências sociais. Talvez isso seja mais fácil do que se treinar como neurocientista se você já é um cientista social. Mas há pessoas se movendo nas duas direções.

• Os cientistas hoje estudam os fundamentos neurológicos do amor, da moral, da estética. Essas coisas podem ser explicadas em termos puramente químicos/biológicos? Ou sempre teremos que abordá-las também de outra maneira?

**DENNETT:** Claro que esses fenômenos não podem ser explicadas em "termos puramente químicos/biológicos", não mais do que a competência de

um computador no xadrez pode ser explicado em termos "elétricos/de silício". Hoje nós entendemos como os diferentes níveis de explicação dependem uns dos outros sem que possam ser substituídos pelos níveis mais elementares. Nós tampouco explicamos a

*"Dawkins mostrou como a cultura poderia ter uma história não genética, mas ainda assim evolutiva"*

reprodução a nível dos elétrons! Subimos vários níveis e falamos sobre cromossomos e meiose e daí por diante. A biologia não trata apenas de genes e proteínas e neurônios; a biologia inclui populações e ecologias e disputas entre predadores e presas, e a

evolução dos órgãos diante das exigências de diferentes ambientes etc. Em outras palavras, a psicologia é um subcampo importante da biologia. E onde quer que existam enigmas aos quais não sabemos que perguntas lançar, aí nós fazemos filosofia, goste-

mos disso ou não. Filosofia é o que você faz até entender quais perguntas deve fazer, e como uma resposta deve ser.

• O senhor teme que uma melhor compreensão de como o cérebro funciona possa ser utilizada para o desenvolvimento de métodos mais eficientes de controle social?

**DENNETT:** Isso já está acontecendo, e nós precisamos estar vigilantes para possíveis abusos deste conhecimento em efeitos sutis, como o uso de termos carregados de significados emocionais. Mas este é um fenômeno que se auto-corrige. Quanto mais aprendemos sobre maneiras de manipular nossos cérebros, mais aprendemos como perceber a manipulação e impedi-la. Os alvos da manipulação estão cada vez mais conscientes disso, e portanto são mais difíceis de se enganar. Sempre foi possível enganar as pessoas.

• E quanto à propaganda? As grandes companhias estão interessadas nas suas pesquisas, por exemplo?

**DENNETT:** Anunciantes têm desenvolvido suas técnicas em um ambiente de muitos dados e pouca teoria há mais ou menos um século. Eles podem encontrar algum esclarecimento e unificação nas minhas pesquisas, mas nada de muita utilidade prática — a não ser às vezes copiar minha maneira de me expressar.

• Sigmund Freud, que começou sua carreira como neurologista, produziu uma teoria sobre o funcionamento da mente que foi influente entre cientistas, artistas e intelectuais. O senhor tem interesse pela obra freudiana?

**DENNETT:** Sempre me interessei por Freud, mas não nas elaborações mais floreadas do seu pensamento, que são nonsense pretensioso, na minha opinião. Ele teve insights excelentes sobre as fantasias. Pode-se com frequência tomar as conclusões mais cuidadosas e fundamentadas em experimentos de outras pessoas e encontrar antecipações impressionantes dessas conclusões nos escritos de Freud. Ele era um pensador maravilhosamente criativo. Mas vagar por Freud procurando as partes boas sem um conhecimento considerável de outras abordagens teóricas é um processo muito ineficiente. ■

## CARTAS

MACHADO DE ASSIS

• Os estudos machadianos devem muito à obra de John Gledson. Em entrevista a Miguel Conde (Prosa & Verso, 23/12) ele julgou que o título do livro que editei nos Estados Unidos, "The Author as Plagiarist — The Case of Machado de Assis", é "pouco justificado", "chamativo", e "simplifica uma questão tão complexa e fascinante". Não pretendo polemizar, mas esclarecer alguns pontos.

O volume possui 663 páginas e foi editado pela Universidade de Massachusetts-Dartmouth. Sua preparação exigiu três anos de trabalho diário. O livro reúne 42 ensaios, quase todos inéditos, como é o caso do texto de José Saramago. O livro foi lançado na Biblioteca do Congresso, em Washington, e também em Londres. O "chamativo" título foi extraído de textos de Machado de Assis; aliás, como duas epígrafes esclarecem. Recorde-se o capítulo IX de "Dom Casmurro", "A ópera". Numa passagem que me inspirou, Machado denominou Shakespeare "um plagiário". E o fez como o mais elevado elogio. Por que não adotar o vocabulário do autor de "O alienista"? Em lugar de impor-lhe polémicas e preocupações alheias, por que não resgatar sua linguagem e visão do mundo?

Por fim, o público brasileiro poderá formar diretamente sua opinião, pois, em meados de 2007, a Alameda Casa Editorial publicará o livro com o título "O plágio como criação — O caso de Machado de Assis".

João Cezar de Castro Rocha  
Pesquisador visitante da Fundação Alexander von Humboldt, Berlin

■ A correspondência para o PROSA & VERSO deve ser encaminhada para O GLOBO, Rua Irineu Marinho 35, 2º andar, CEP 20233-900, com nome e endereço completos. As cartas podem ser editadas.

## LANÇAMENTOS



**Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**, editada por João Branquinho, Desidério Murcho e Nelson Gonçalves Gomes • Editora Martins Fontes, 803 pgs • R\$ 99,90

• A primeira edição brasileira da Enciclopédia

revisa e amplia a edição portuguesa publicada pela Gradiva em 2001, em Lisboa. De caráter interdisciplinar, o volume, editado por dois portugueses (João Branquinho e Desidério Murcho) e um brasileiro (Nelson Gonçalves Gomes), traz 606 verbetes escritos por 45 especialistas nos diversos temas, que vão da computação à biologia, da matemática à psicologia. Segundo os editores, o volume "abrange, de forma introdutória, mas desejavelmente rigorosa, uma diversidade de conceitos, temas, problemas, argumentos e teorias localizados numa área relativamente recente de estudos, os quais têm sido habitualmente qualificados como 'estudos lógico-filosóficos'. Contemplando tanto especialistas como estudantes e iniciados, a Enciclopédia busca uma linguagem acessível, sem abandonar o rigor científico.



**Rebelião em Nova York**, de Kevin Baker. Tradução de Vitoria Mantovani • Editora Record, 700 páginas • R\$ 69,90

• Em julho de 1863, quando o presidente Lincoln implementou a lei do alistamento obrigatório, exceto para quem pagasse US\$ 300, as classes mais pobres (compostas em boa parte por imigrantes irlandeses e negros) se revoltaram e promoveram cinco dias de tumultos violentos em Nova York.

**O casamento**, de Nelson Rodrigues • Editora Agir, 270 páginas • R\$ 39,90

• Segundo título de Rodrigues lançado pela Agir, que desde agosto vem reeditando a prosa do escritor. O romance, de 1966, que chegou a ser censurado "pela torpeza das cenas e linguagem indecorosa", revira a vida de uma família a partir do casamento de Glorinha e Teófilo, este acusado pelo médico da noiva de ser homossexual.



**A prisão e a ágora**, de Marcelo Lopes de Souza • Editora Bertrand Brasil, 632 páginas • R\$ 69

• Professor da UFRJ, o autor trata da questão do planejamento urbano a partir das relações de poder geradas nesse espaço. Partindo da constatação que planejar e gerir uma cidade é gerenciar também as relações sociais, Souza reflete sobre diversos problemas das grandes cidades contemporâneas.

**Dez provas da existência de Deus**, com seleção e tradução de Plínio Junqueira Smith • Editora Alameda, 304 páginas • R\$ 40

• A obra reúne textos clássicos da filosofia, de Aristóteles a Hume, que tentaram responder, em diversos momentos da História, à pergunta "Deus existe?" A edição também procura contextualizar o momento histórico e filosófico em que os autores produziram os textos.



**A vida que ninguém vê**, de Eliane Brum • Arquipélago Editorial, 208 páginas • R\$ 32

• A jornalista gaúcha reúne aqui 21 crônicas-reportagens publicadas em 1999 na coluna "A vida que ninguém vê", no jornal "Zero Hora". Em todas, a busca pelos acontecimentos que não viram notícia e pelos personagens comuns, quase anônimos. Eliane encerra o volume com um texto inédito sobre o que chama de "olhar insubordinado".

**O cavaleiro das palavras**, de Luiz Antonio Aguiar. Ilustrações de Marcelo Martins • Editora Saraiva, 80 páginas • R\$ 22,40

• Em mais uma obra dedicada ao público infanto-juvenil, o escritor transforma um dicionário do século XIX como narrador do livro. Ele conta sua aventura desde a tipografia em Lisboa, onde foi impresso, até chegar ao Brasil. E vai parar nas mãos de ninguém menos que Machado de Assis.

